

Artigo Original

A VELHICE SOB O OLHAR DE MULHERES IDOSAS

Lara de Sá Neves Loureiro¹
María das Graças Melo Fernandes²

RESUMO

O envelhecimento é um processo, e a velhice, um período cujos limites nem sempre são nítidos. Cada velhice advém de uma história de vida que, à medida que o tempo passa, vai acrescentando processos individuais e de socialização de normas, regras, valores e cultura. Considerando essa perspectiva, este estudo exploratório objetivou apreender a percepção de mulheres idosas a respeito da velhice e de suas vivências nessa fase da vida. Da amostra, participaram dez mulheres, integrantes do grupo de convivência de idosos “Eunice Vitória”, da Unidade de Saúde da Família Jardim Miramar I, que aceitaram livremente participar do estudo. A coleta de dados foi realizada através de entrevista semi-estruturada, orientada por duas questões: “Qual a sua opinião sobre a velhice?” e “Quais vivências ou experiências a velhice trouxe para sua vida?” A análise dos dados foi feita com base no Discurso do Sujeito Coletivo. Os resultados demonstraram que a percepção das mulheres idosas sobre a velhice se ancora nas seguintes ideias centrais: “uma boa fase da vida”; “uma oportunidade de ajuda” e “um processo natural”. Quanto às vivências que esse fenômeno trouxe à vida dessas mulheres, verificamos um discurso que expressa três ideias centrais: “vivência positiva”, “vivência negativa” e “vivência ambígua”. Ante o exposto, ressaltamos que as mulheres idosas percebem e vivenciam a velhice a partir de interações e trocas simbólicas estabelecidas com as pessoas e com o ambiente em que vivem.

Palavras-chave: Velhice. Idoso. Mulher.

INTRODUÇÃO

Não obstante, tais concepções só têm significados reais quando expressas pelo sujeito social em seu contexto. Para isso, faz-se necessário que as mulheres idosas de diferentes cenários, a exemplo do nosso, posicionem-se, desvelem seu imaginário pessoal, social e cultural a respeito de si mesmas, considerando suas vivências e experiências, dando sentido próprio ao seu envelhecimento e ao seu simbolismo, enquanto mulher idosa.

Considerando isso, buscamos, neste estudo, respostas para as seguintes questões norteadoras: Como mulheres idosas percebem a velhice? Quais vivências esse fenômeno suscita em suas vidas? Com o intuito de responder a tais questões, foram delimitados para a investigação os seguintes objetivos: investigar a opinião das mulheres sobre a velhice; e identificar quais vivências a velhice trouxe para suas vidas.

Vale salientar que a aproximação e o conhecimento dessa realidade por parte dos profissionais, em especial, aqueles responsáveis pela gestão e implementação de políticas públicas sociais e de saúde destinadas a mulheres idosas, configura-se como um importante instrumento que pode subsidiar a individualização do processo de cuidar da mulher no

¹ Enfermeira do Programa Saúde da Família da Secretaria de Saúde do Município de João Pessoa-PB. Especialista em Saúde Pública. Endereço: Rua Prefeito Joaquim Gonçalves de Assis, n.165, aptº 301, Bessa, João Pessoa-PB. Tel.: (83) 9106-7498/8898-5927. E-mail: laraasn@hotmail.com

² Enfermeira. Doutora em Ciências da Saúde e em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Professora do Departamento de Enfermagem Médico-Cirúrgica e Administração do Centro de Ciências da Saúde da UFPB.

contexto do envelhecimento.

CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Trata-se de uma pesquisa do tipo exploratória, realizada em outubro de 2007, na Unidade de Saúde da Família Jardim Miramar I, do município de João Pessoa – PB. Os sujeitos participantes da pesquisa compreenderam dez mulheres idosas, participantes do grupo de convivência “Eunice Vitória”, que concordaram em participar da investigação mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, após esclarecimento dos seus objetivos e dos seus procedimentos metodológicos, bem como garantias relativas ao anonimato e ao sigilo das informações, conforme preconiza a Resolução Nº 196/96, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde, que normatiza a pesquisa envolvendo seres humanos.

Quanto aos aspectos éticos relativos à Instituição e ao cenário físico e social do estudo compreenderam, em especial, o envio prévio do protocolo de pesquisa para o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Santa Emília de Rodat, o qual foi aprovado conforme parecer do processo de número 044/2007.2.

A apreensão dos dados empíricos foi realizada mediante técnica de entrevista semi-estruturada, efetivada na Unidade de Saúde da Família, cenário do estudo, subsidiada por um roteiro que contemplava itens de caracterização sociodemográfica (idade, estado civil, profissão/ocupação e nível instrucional) e de duas questões pertinentes ao objeto de estudo: Qual a sua opinião sobre a velhice? e Quais vivências ou experiências a velhice trouxe para sua vida?

A análise dos dados realizou-se por meio de uma abordagem qualitativa, através da Técnica de Análise de Discurso do Sujeito Coletivo proposta por Lefèvre; Lefèvre e Teixeira (2000). Essa técnica de análise de pesquisa qualitativa permite a organização dos dados, utilizando-se quatro figuras metodológicas: 1) ancoragem – observada quando o discurso tem marcas linguísticas explícitas de conceitos,

ideologias socioculturais, hipóteses e teorias; 2) idéia central – sintetiza o conteúdo de cada depoimento em uma descrição precisa do sentido; 3) expressões-chaves – são transcrições literais de fragmentos dos depoimentos, elaboradas com base em trechos essenciais de cada resposta; 4) Discurso do Sujeito Coletivo – é o discurso síntese, composto pela reunião das expressões-chave referentes às idéias centrais. No âmbito deste estudo, esta proposta foi operacionalizada mediante os seguintes passos:

- 1- Seleção das expressões-chave de cada discurso individual.
- 2- Identificação da idéia central de cada uma das expressões chaves.
- 3- Reunião das expressões-chave formando o Discurso do Sujeito Coletivo.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Quanto às características qualificadoras das participantes do estudo, observamos que a maioria delas era composta de viúvas e donas de casa (aposentadas ou pensionistas), com idade variável entre 63 e 75 anos e possuíam baixo nível socioeconômico e instrucional. Esses achados têm repercussões importantes nas demandas por políticas públicas, especialmente pelo fato de quase todas serem viúvas, sem experiência no mercado de trabalho formal, e sua situação socioeconômica ser desvantajosa, quando comparada aos homens idosos.

Camarano (2003) assevera que embora as mulheres vivam mais do que os homens, elas passam por um período maior de debilitação biológica, antes da morte, do que eles. Essa autora salienta, ainda, a prevalência de um elevado contingente de viúvas, em contraste com alto percentual de homens que tinham algum tipo de união conjugal. Isso se deve, em sua opinião, à maior longevidade das mulheres e à cultura que existe no Brasil, que leva os homens a se casar com mulheres mais jovens.

Vale destacar que a aposentadoria surge, geralmente, por incapacidades

físicas, e representa uma condição socioeconômica injusta e inadequada, pois há perdas de rendimentos e representa, na maioria das vezes, o fenômeno da velhice e da inutilidade social. Nesse contexto, muitos idosos necessitam trabalhar para completar sua renda ou manter sua subsistência (BRASIL, 1997). Embora vários deles apresentem condições para se manter economicamente ativos, praticamente inexitem as oportunidades para tal, o que torna suas vidas uma dura realidade a ser enfrentada cotidianamente.

Costa et al. (2002) revelam que a proporção daqueles com menor escolaridade tem sido mais alta nos grupos mais velhos, algo comprovado pelos dados do censo de 2000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, que aponta um índice de analfabetismo de 53,3% entre os idosos do

nordeste brasileiro. Além disso, no Brasil, especificamente na Paraíba, a pobreza é uma realidade experimentada por muitas idosas, o que pode interferir, de modo significativo, nas suas relações sociais, no seu estado de saúde e, conseqüentemente, na sua qualidade de vida. Para elas, possivelmente, está reservada a possibilidade de uma velhice limitada e sem oportunidades (GOLDSTEIN; SIQUEIRA, 2003).

A vivência da velhice, em um contexto de precariedade social, traz para esse fenômeno uma representação enraizada em ideias de deteriorização e de perda. Apesar disso, observa-se, na contemporaneidade, que o envelhecimento não é mais encarado como um estado ao qual o indivíduo se submete passivamente, mas como um

Quadro 1 – Idéia central e discurso do sujeito coletivo, em resposta à questão: “Qual a sua opinião sobre a velhice?”.	
<p>Idéia central (1)</p> <p>Uma boa fase da vida</p>	<p>Discurso do sujeito coletivo</p> <p>“Eu vejo com muita alegria (5 menções).” “É muito bom poder viver esta fase.” “Vejo como algo muito bom já que tenho a oportunidade de fazer o que não podia antes, pois estava sempre ocupada com os afazeres de casa, com marido e filhos. Agora tenho tempo para fazer o que quiser.” “Quem tem a sorte de chegar à velhice está contando história.” “Eu vejo como uma bênção de Deus, uma glória chegar bem nesta idade, privilégio de poucos.” “Acho que, se não for, é para ser a melhor fase da vida, porque possuímos tempo livre e muita sabedoria.”</p>
<p>Idéia central (2)</p> <p>Uma oportunidade de ajuda</p>	<p>Discurso do sujeito coletivo</p> <p>“Vejo como um momento em que posso ajudar as pessoas que precisam de mim [a colaboradora se emociona], meu sobrinho, ele depende de mim”. “Posso ajudar meus filhos na criação dos meus netos, eles depositam sobre mim esta confiança, me sinto reconhecida.”</p>
<p>Idéia central (3)</p> <p>Processo natural</p>	<p>Discurso do sujeito coletivo</p> <p>“Tenho bastante experiência, então gosto de ajudar as pessoas em palavras.”</p> <p>Discurso do sujeito coletivo</p> <p>“Vejo a velhice como processo natural,</p>

A leitura dessas falas nos permite deduzir que essas idosas têm uma visão satisfatória da velhice, cuja percepção positiva se confi-gura, especialmente, por esse fenômeno ser entendido como “um bom momento da vida”, “uma oportunidade de ajuda” e “um processo natural”. Segundo Salgado (2005), envelhecer é uma propriedade particular, com vivência e expectativas específicas que não deduzem a responsabilidade de vida e a participação ativa no processo social, pois mesmo velho, o indivíduo continua membro da humanidade.

Debert (1996) afirma que os idosos são seres capazes de atribuir novos significados aos estágios mais avançados da vida, passando, muitas vezes, a tratá-los como momentos privilegiados para novas conquistas guiadas pela busca do prazer, da satisfação e da realização pessoal. As mulheres idosas, quase sempre, por terem vivido restritas ao espaço doméstico, próprio de sua geração e por vezes condição imposta à mulher, incorporam na velhice uma condição melhor do que na juventude, pela vivência no espaço público e a diminuição dos afazeres domésticos e familiares. Para Campos (2003), é nos anos tardios da vida que muitas mulheres

se encontram desvencilhadas de certos cuidados domésticos, permitindo que tenham mais tempo livre para se envolver em outras atividades.

Foi pontuado, ainda, nos discursos das idosas, o exercício da solidariedade como uma representação da velhice, evidenciado pela possibilidade de contribuir através da trans-missão de experiências e responsabilizações, visualizando sua importância para as novas gerações. Pode-se evidenciar isso nas expressões: “tenho bastante experiência, então gosto de ajudar as pessoas em palavras”; “posso ajudar meu filhos na criação dos meus netos, eles depositam sobre mim esta confiança”. Barros (2007) afirma que o indivíduo, até chegar à velhice, percorre uma longa trajetória, durante a qual adquire conhecimentos e experiências que podem ser repassados, configurando o acúmulo de experiências como principal fator colaborador para as próximas gerações.

Embora em seus discursos algumas ido-sas não demonstrem explicitamente satisfação plena com a velhice, elas manifestaram a acei-tação do fenômeno como uma etapa natural da vida. Silva (2006) referenda o processo de envelhecimento como parte integrante do ciclo natural da

Quadro 2 – Idéia central e discurso do sujeito coletivo, em resposta à questão: “Como a Senhora se vê no processo de envelhecimento?”

Idéia central (1)	Discurso do sujeito coletivo
Vivência positiva	<p>“Me vejo muito bem, muito feliz (4 menções).” “Não tenho complexos, eu me acho ótima, linda de viver.” “Me considero ainda jovem, aliás, toda minha vida fui jovem.” “Tenho muita saúde, graças a Deus, e para mim é o que mais importa, quero viver muito ainda, para ver meus netos crescidos e felizes.” “Sou muito bem quista, amada por minha família e por todos em minha volta.” “Passeio, saio, me divirto (5 menções), aqui mesmo, no PSF, participo das brincadeiras e das atividades físicas.” “Sou bem ativa, trabalho numa casa há doze anos e não me falta disposição.” “Sei me virar bem sozinha, não preciso de ajuda.”</p>
<p>Idéia central (2)</p> <p>Vivência negativa</p>	<p>Discurso do sujeito coletivo</p> <p>“Fico o maior tempo sozinha em casa, com meus bordados.” “Sento na minha cadeira</p>

	<p>de balanço e pronto.” “Não saio para lugar algum, vou somente à missa.” “Às vezes me sinto só, não tenho mais marido nem filhos em casa, tenho poucas amigas, gosto de conversar com a vizinha às vezes.” “Acho ruim os probleminhas de saúde que aparecem (4 menções).” “Não me sinto com a mesma energia para trabalhar como trabalhava.” “Não tenho confiança de viajar, passear, minha pressão sobe, meu nariz começa a sangrar.” “Não me acho melhor, porque não tenho boa saúde.” “Sinto cansaço (3 menções).” “Não tenho a mesma coragem para sair de casa.” “Nunca fui muito esforçada pela vida, todo tempo fui assim: cuidar de casa e da família.”</p>
<p>Idéia central (3) Vivência ambígua</p>	<p>Discurso do sujeito coletivo “Um dia eu estou chorando, outro dia sorrindo,</p>

A leitura dos discursos das idosas nos revelam, como achados, vivências basicamente em três grupos: as positivas, as negativas e as ambíguas. Em um contexto geral, percebe-se que a (in) satisfação das mulheres com o processo de envelhecimento está atrelada, entre outros aspectos, a seu processo saúde-doença, percebido nas expressões: “não me acho melhor, porque não tenho boa saúde”, “tenho muita saúde”. Além disso, suas vivências, ante à velhice, também estão vinculadas ao binômio inatividade e possíveis complicações para sua autonomia e independência. As expressões “não tenho muito ânimo para lazer”, “às vezes gosto de conversar com a vizinha” e “vou somente à missa” mencionadas pelas idosas, mostram que elas têm uma tendência a se comportar em conformidade com padrões sociais adquiridos.

Em suas falas, agrupadas na idéia central referente às vivências positivas da velhice, verifica-se a importância da saúde, da autonomia, da liberdade de ocupar seu tempo de modo mais livre, como instrumentos colaboradores para melhorar a autoestima e estimular a realização de atividades produtivas. Por parte dos idosos, no tocante à saúde, Cianciarullo (2002) faz associação positiva entre bom estado de saúde e qualidade de vida, ressaltando, ainda, a importância de os profissionais

de saúde promoverem ações cuidativas para essas pessoas, com vista ao alcance dessa meta.

Cardoso (2004) enfatiza que o envelhecimento, para quem sabe fazer do seu tempo livre um aliado, transforma-se em uma experiência bastante positiva e rica em novas aquisições. Novos espaços destinados ao convívio de idosos vêm surgindo cada vez mais, como grupos de convívio de idosos ou grupos da terceira idade. Tais espaços são ricos em atividades sociais e de lazer, que permitem aos idosos exercer sua autonomia, melhorar a autoestima e preservar sua saúde ou bem-estar geral. Conforme o autor, a atividade, além de ser benéfica para uma longevidade sadia, do ponto de vista físico, exerce um efeito positivo sobre o sentimento de cidadania.

Na análise do fenômeno “ser velha”, na sociedade Ocidental, em especial no Brasil, Bassit (2004) ressalta que tal condição é também ir conseguindo (ou ter conseguido) a libertação de certos controles societários, a exemplo do processo de reprodução que tolheu as mulheres, hoje idosas, durante toda a juventude. Cumprindo uma etapa da vida marcada pela reprodução e por obrigações familiares, a chegada da velhice passa a ser concebida por essas mulheres como uma porta para uma liberdade, quase sempre até então

desconhe-cida. Essa libertação vem, surpreendentemente, entusiasmando as mulheres idosas, a ponto de, muitas vezes, obscurecer-lhes a percepção de toda uma gama de preconceitos sociais ainda vigente em relação aos velhos, e particularmente às mulheres.

De acordo com Palmas (2000), o aumento da longevidade pode mostrar, dessa forma, que as conquistas científicas e sociais não terão muito valor se as pessoas, ao alcançarem mais anos de vida, mantiverem-se distantes do espaço social pertinente em relativa alienação, inatividade, incapacidade física, dependência e sem boas possibilidades de prosseguir no seu desenvolvimento.

No que concerne às vivências negativas, observou-se nas falas das idosas, as menções: “sentir cansada”, “não trabalho como trava-lhava”, “sem coragem para sair”, “às vezes, me sinto só”. Nesse cenário, ao visualizarem seus corpos como “cansados”, elas incorporam o declínio físico vivenciado ao longo de suas vidas, que foi influenciado por eventos de natureza fisiológica, social, cultural e econômica, gerando assim prejuízos na sua qualidade de vida.

Outra experiência comumente vivenciada pelos idosos é a solidão e/ou isolamento. Para Elioupoulos (2005), a solidão enfatiza todos os infortúnios pelos quais as pessoas idosas passam. Entre seus principais determinantes destacam-se a saída dos filhos adultos para seus próprios lares, o falecimento do cônjuge, a redução do contato com amigos e a aposentadoria. Muitas vezes os idosos não acreditam no poder de suas

potencialidades e capacidades nessa etapa da vida, tendendo ao isolamento e ao adoecimento.

Esses aspectos são vívidos, de modo particular pelos idosos, havendo diferenças substanciais quando se trata da sua condição de gênero. Considerando isso, Neri (2000) ressalta que vários estudos demonstram que as mulheres de todas as idades são menos agressivas, mais solidárias, mais sugestivas, mais envolvidas e mais relacionadas socialmente do que os homens. Essas variáveis, em todas as idades, e também na velhice, aparecem positivamente relacionadas à satisfação global com a vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados deste estudo são reveladores ao se identificar que, embora haja uma unanimidade entre as idosas sobre suas percepções acerca do envelhecimento como processo natural manifestado claramente por expressões consoantes com satisfação, acúmulo de experiência e de autonomia, quando indagadas a respeito de como se vêem nesse processo, a leitura de suas falas é contraditória, assumindo duas vertentes: as que se vêem bem, com boa saúde, amadas, participativas em atividades sociais e de lazer; e as que se sentem cansadas, com déficit de saúde, de atividades sociais/lazer e solitárias.

Os achados da pesquisa confirmam, ainda, a importância da manutenção de uma boa saúde e da vivência ativa, participativa e socializadora como aspectos satisfatórios vivenciados na velhice, que podem incrementar sua autonomia e independência. Nesse caso, faz-se necessária a inclusão de políticas sociais, que objetivem a promoção do envelhecimento ativo, considerando a dissolução

THE PENSION UNDER THE GAZE OF OLDER WOMEN

ABSTRACT

The Aging is a process and the adage is a pesiad which limits are not always clear. Each old age comes from a life story that, as time passes, adds individual proces and socialization files of norms, rules, values, culture. Considering this perspective, this exploratory study aimed to understand the perception of older women about the old age and their experiences in this phase of life. The sample involved ten women members of the group of living for elderly “Vitório Eunice” Unity of the Family Health Miramar Garden I who accepted free participation in the study. Data collection was conducted through semi-structured interview guided by two questions: “what is your opinion about old age?” and “which experiences did oldage bring to your life?” Data analysis was based on the Collective Subject Discourse. The results showed that the perception older women’s about age old is anchored on the following central ideas: “a good phase of life”; “an opportunity to help” and “a natural process.” About the experiences that this phenomenon has brought to these women’s lives, we found a speech that expresses three central ideas: “positive experience”, “negative experience” and “ambiguous experience.” With the above, we emphasize that the older women perceive and experience the old age by establishing symbolic interactions and exchanges with people and the environment in which they live.

de estíguas e preconceitos em relação à senescência, sobretudo, a feminina.

Por entendemos pesquisas sobre percepção e vivências da velhice como estudos não acabados e multifacetados, esperamos que esta investigação se preste como desdobramento de tantas outras que se proponham a abordar a temática.

REFERÊNCIAS

- BARROS, M. M. L de. Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice. In: MORAES, M; BARROS, L. de (Orgs.). *Velhice ou terceira idade?* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2007.
- BASSIT, A. Z. Na condição de mulher: a maturidade feminina. In: PY, L, et al. *Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais*. Rio de Janeiro: NAU, 2004.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Programa de Saúde do Idoso. Brasília, DF: MPAS/SAS, 1997.
- CABRAL, B. E. L. Mulher e velhice. In: MOTTA, A. B.; AZEVEDO, E. L.; GOMES, M. Q. de C. (Orgs.). *Dinâmica de gênero em perspectiva geracional*. Salvador: UFBA, 2005.
- COSTA, M. F. de L. et al. Projeto Bambuí: um estudo epidemiológico de características sociodemográficas, suporte social e indicadores de condição de saúde em comparação aos adultos jovens. *Informe Epidemiológico do SUS*, v. 11, n. 2, p. 91-105, 2002.
- CAMARANO, A. A. Mulher idosa: suporte familiar ou agente de mudança? *Revista de Estudos Avançados*, v. 17, n. 49, p. 35 – 64, 2003.
- CAMPOS, A. P. M. de Envelhecimento feminino: “bicho de sete cabeças”? In: FALCÃO, D. V. da S.; DIAS, C. M. de S. B. (Orgs.). *Maturidade e velhice: pesquisas e intervenções psicológicas*. V.I. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.
- CARDOSO, D de M. Longevidade e tempo livre: Novas propostas de participação social e valorização do idoso. *A terceira idade*, v. 15, n. 30. p. 36-51, 2004.
- CIANCIARULLO, T. I. Compreendendo a família no cenário de uma nova estratégia de saúde. In: CIANCIARULLO, T. I. et al. (Orgs.). *Saúde na família e na comunidade*. São Paulo: Robe, 2002.
- DEBERT, G.G. As representações (estereótipos) do papel do idoso na sociedade atual. *ANAIS do I Seminário Internacional “Envelhecimento populacional: uma agenda para o final do século”*, 1996.
- DEBERT, G. G. A reinvenção da velhice: socialização e processos de privatização do envelhecimento. São Paulo: Edusp. 1999.
- ELIOPOULOS, C. *Enfermagem gerontológica*. 5.ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- GOLDSTEIN, L. L.; SIQUEIRA, M. E. C. de. Heterogenidade e diversidade nas experiências da velhice. In: NERI, A. L.; FREIRE, S. A. (Orgs.). *E por falar em boa velhice*. Campinas: Papirus, 2003.
- LADISLAU, L. *Lazer e Participação Social*. A terceira idade, v. 13, n. 25, p. 7-25, 2002.
- LEFRÈVE, F., LEFRÈVE, A. M. C; TEXEIRA, J. J. V (Orgs.). *O discurso do sujeito coletivo: uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa*. Caxias do Sul: EDUSC, 2000.
- NERI, A. L. Velhice e qualidade de vida na mulher. In: NERI, A.L. (Org.). *Desenvolvimento*